

# Texto para Discussão

## Série Economia

TD-E / 43- 2004

**O Desenvolvimento Econômico de  
Ribeirão Preto: 1930-2000**

Prof. Dr. Júlio Manuel Pires

## O Desenvolvimento Econômico de Ribeirão Preto: 1930-2000

Julio Manuel Pires<sup>1</sup>

### Resumo

O objetivo deste artigo é examinar as características fundamentais do desenvolvimento econômico do município de Ribeirão entre 1930 e 2000, salientando sua inserção na economia regional como principal base urbana de convergência da região. A análise é realizada por setores de atividade: indústria, comércio, serviços (com destaque para as áreas de educação, saúde e sistema financeiro) e finalizando com o exame dos principais indicadores sociais. Relativamente a cada um destes aspectos procede-se a uma descrição da situação atual, seguida de um retrospecto histórico.

**Palavras-Chaves:** Economia Regional, Ribeirão Preto, Desenvolvimento Econômico, Indicadores Sociais, História Econômica.

### Introdução

Ribeirão Preto destaca-se como uma das cidades mais ricas e de melhor qualidade de vida do Brasil. Segundo os dados do Censo de 2000, a renda média do ribeirão-pretano, R\$ 539,84, colocava o município entre os 0,4% mais ricos do país e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M)<sup>2</sup> era o vigésimo-primeiro mais elevado entre 5.507 cidades brasileiras. O município de Ribeirão Preto desfruta de excelentes indicadores sociais, de uma oferta ampla e qualificada de bens e serviços no setor terciário, assim como de acesso a uma infra-estrutura de transportes, comunicação<sup>3</sup> e saneamento básico de ótima qualidade. Todavia, infelizmente, nem todos usufruem dos benefícios em igual proporção, havendo, ao lado da riqueza, a persistência – e mesmo a ampliação nos anos 1990 – de diversos problemas sociais ainda graves, como, por exemplo: 8,6% da população vivendo com um renda média inferior a meio salário mínimo (15,1% das crianças) e elevada concentração de renda.

Embora Ribeirão Preto comece a despontar no cenário nacional com o desenvolvimento da economia cafeeira a partir do final do século XIX<sup>4</sup>, é sobretudo a partir da década de 1950, quando se intensificou o processo de recuperação econômica após a crise dos anos trinta, que o município avançou com maior celeridade em direção aos elevados padrões de riqueza que a caracterizam e por meio da qual ele se tornou conhecido em todo o país; a expressão “Califórnia Brasileira” ficou definitivamente associada à região polarizada por

---

1. Professor do Departamento de Economia da FEA-RP/USP e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política da PUC-SP.

2. O cálculo do IDH-M leva em consideração: a renda familiar per capita média, a esperança de vida ao nascer, a taxa de alfabetização das pessoas com mais de quinze anos de idade e a taxa de frequência à escola nos três níveis de ensino.

3. O número de terminais telefônicos por cem habitantes ampliou-se de 6,23 para 28,97 entre 1980 e 1996.

4. A chegada da ferrovia, em 1883, é um marco nesse sentido.

Ribeirão Preto<sup>5</sup>.

O intuito desse capítulo é compreender como ocorreu o desenvolvimento econômico e social da cidade dos anos trinta até o final do século XX. Para tanto, procede-se a uma descrição do panorama atual em cada uma das áreas examinadas, para, a partir daí, traçar um breve retrospecto das principais etapas desse processo. As áreas examinadas são: indústria, comércio, serviços (com destaque para os setores de educação e saúde) e aspectos sociais. A agricultura, devido à reduzida importância direta para a economia do município e ao restrito espaço disponível, não será objeto de análise mais detalhada<sup>6</sup>.

O ponto de partida da análise é a década de 1930, profundamente marcada pela crise econômica aguda atravessada pela economia brasileira. Essa crise, desencadeada a partir da quebra da Bolsa de Valores de Nova York em outubro de 1929, atingiu de forma mais intensa o setor exportador, o que no Brasil naquele momento era praticamente sinônimo de setor cafeeiro, provocando repercussões profundas no campo econômico, social e político. Das repercussões no campo econômico cabe destaque a duas: o “deslocamento do centro dinâmico”<sup>7</sup> da economia e o processo de diversificação agrícola.

A década de 30 marca o início de um processo — cuja consolidação irá se dar nas décadas posteriores — no qual o setor dinâmico da economia deixa de ser a agricultura para exportação. A produção para o mercado interno, notadamente o setor industrial, passa, então, a assumir tal papel. Uma outra característica marcante da economia brasileira nos anos 1930 e que se estende pelas décadas seguintes diz respeito à diversificação operada no setor agrícola, com a perda de importância relativa do café sendo acompanhada pela ampliação de outras culturas.

Se o cultivo do café foi a principal atividade que engendrou os fatores determinantes do desenvolvimento de Ribeirão Preto no final do século XIX e início do século XX — ferrovia, bancos, energia elétrica, capitais, mercados etc. — a recuperação e a manutenção do crescimento posterior aos anos 1930<sup>8</sup> encontram-se relacionadas, sobretudo, à diversificação empreendida na região no entorno da cidade<sup>9</sup>. Juntamente com o processo de loteamento das grandes fazendas, houve o crescimento dos cultivos da cana-de-açúcar, do algodão, do arroz, da laranja, da soja e a expansão da pecuária. Tratava-se, então, de atividades direcionadas fundamentalmente para o mercado interno, seja sob a forma de matérias-primas, seja para consumo. As condições bastante favoráveis de clima, solo fértil (enorme mancha de terra roxa), capacidade empresarial e utilização de técnicas modernas consubstanciaram-se em

---

5. Do mesmo modo como a referência à residência em Ribeirão Preto em qualquer parte do país faz despertar no ouvinte a referência ao chope do Pingüim, acompanhada de óbvios sentimentos de desejo e inveja mal disfarçados.

6. Segundo os dados da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, o valor adicionado fiscal na agropecuária no ano de 2000 correspondeu a apenas 0,52% do total do município. O setor primário do município de Ribeirão Preto caracteriza-se por um predomínio absoluto da atividade canavieira, a qual ocupa mais de 90% do total das terras disponíveis.

7. Conforme expressão cunhada por Furtado (1976).

8. Um marco importante do desenvolvimento econômico de Ribeirão Preto durante os anos 1930 foi a construção do Edifício Diederichsen, em estilo *Art-Deco*, com uma área construída de 5.200 m<sup>2</sup>, o primeiro do interior do estado de São Paulo com mais de três andares. A continuidade e o término desta obra, em 1936, demonstram uma confiança e capacidade financeira inusitadas se levarmos em conta o contexto de crise aguda a marcar a economia nacional, particularmente o setor cafeeiro, nesse momento.

9. A área polarizada por Ribeirão Preto abarca, de forma mais direta, as regiões de São Carlos, São João da Boa Vista, Franca e Barretos. Quando considerados determinados ramos do terciário, como, por exemplo, comércio atacadista, serviços médicos e educacionais, a área de influência do município espalha-se para todo o Estado de São Paulo e outros estados limítrofes.

elevados níveis de produtividade e renda. Na medida em que colaboraram decisivamente para a manutenção da prosperidade nas áreas rurais, facultaram o desenvolvimento do setor comercial, industrial e de serviços do município de Ribeirão Preto, já então plenamente consolidado como a principal base urbana de convergência econômica da região.

A evolução positiva da economia manteve-se nas décadas seguintes, incrementando-se, sobretudo a partir dos anos 1950 e 1960, com a consolidação do município como centro comercial, financeiro e de serviços, com destaque particular para a concentração das atividades culturais, educacionais e de saúde.

No início dos anos 1970, a Região Administrativa de Ribeirão Preto era a maior produtora do Estado de cana-de-açúcar, laranja, soja, milho, tomate e limão, destacando-se também na produção de arroz, café e na pecuária. A posição de preeminência manteve-se ao longo de toda a década de 1970 para as culturas de soja, laranja, cana e milho, mantendo-se o destaque no caso do café, arroz e pecuária e se agregando a produção relevante de amendoim e a avicultura. Juntamente com a região de Campinas, Ribeirão Preto era o principal *locus* da agroindústria do país, largamente promovida a partir de meados dos anos 1970 com o Proálcool<sup>10</sup>. Tal vigor inusitado no setor primário teve repercussões simétricas nas atividades urbanas, cujo incremento se revelou uma constante nos anos 1970 e 1980.

Os anos 1980 caracterizaram-se por serem um período de crise econômica profunda na economia brasileira: anos de recessão, aceleração inflacionária, crise externa e desequilíbrio das contas públicas. No entanto, a despeito do quadro de crise aguda a marcar a maior parte dos anos da década de 1980, Ribeirão Preto apresentou nesse período uma *performance* bastante positiva, tanto no setor primário quanto nas atividades urbanas. Dentro desse cenário de crise, as regiões de agricultura mais moderna, voltadas à exportação e com grande peso da agroindústria, foram as menos atingidas pela crise, com destaque, no âmbito nacional para a região de Ribeirão Preto, que se constituía, em meados dos anos 1980, no principal parque agroindustrial do Estado<sup>11</sup>.

Os retrocessos e indefinições associadas à utilização do álcool como combustível na década de 1990, assim como o contexto mais amplo de estagnação da economia estadual e nacional, fizeram com que o dinamismo econômico arrefecesse bastante, com óbvias conseqüências negativas do ponto de vista social. Todavia, é importante notar que, a despeito desse quadro recente menos favorável, a produção de açúcar e álcool continua sendo, por seus efeitos diretos e indiretos, a principal atividade econômica de Ribeirão Preto e da Região<sup>12</sup>.

---

10. A virtual monocultura da cana-de-açúcar em Ribeirão Preto e nos municípios mais próximos e a multiplicação das usinas de açúcar e álcool encontram-se entre os principais determinantes do crescimento econômico da região, ainda que, quando considerado um raio maior de influência do município, as culturas de soja, laranja, café e a atividade pecuária e avícola também ganhem destaque.

11. Segundo os dados do IPEA, na primeira metade da década de 1980, o PIB total em dólares de Ribeirão Preto aumentou de US\$ 1,901 bilhões para US\$ 2,059 bilhões (8,35%). No entanto, o maior crescimento populacional, em grande parte condicionado pelo movimento migratório para o município, fez com que a renda per capita decrescesse 6,13% (de US\$ 5.968,00 para US\$ 5.602,00). O desempenho na segunda metade da década foi bem melhor: aumento de 24,8% na renda total e de 6,0% na renda per capita, a qual voltou praticamente aos mesmos patamares do início da década.

12. A diferença no dinamismo econômico entre as décadas de 70 e 80 e os anos 90 fica nítida nas taxas de crescimento demográfico bastante diferenciadas. Entre 1970 e 1990, a taxa de aumento populacional no município foi bem maior que a do Estado, evidenciando um fluxo migratório significativo para Ribeirão Preto. Dados do Anuário Estatístico do Estado de São Paulo para o ano de 1980 apontavam um fluxo migratório líquido para a Região de Ribeirão Preto de 32.987 pessoas, equivalente a 10% do total do Estado. Nos anos 90, a taxa de crescimento populacional ficou restrita quase totalmente ao crescimento vegetativo. Para isto, também colaborou, é importante observar, o processo de mecanização da agricultura canavieira.

A forte polarização observada em Ribeirão Preto na área comercial e de serviços deve-se às menores dimensões e renda média dos municípios circunvizinhos, incapazes de suportarem, por problemas de escala, certo conjunto de atividades produtivas. Tal fato acabou por carrear para Ribeirão Preto parcela significativa da demanda das pessoas de maior renda da região, propiciando maior densidade e complexidade ao setor terciário da cidade. A existência de uma boa estrutura viária colaborou nesse processo. Essa polarização decresceu em importância ao longo dos anos 1990 em função do crescimento populacional e de renda nas cidades vizinhas, viabilizando a instalação de shopping centers, lojas de departamento, oferta de serviços etc. Os únicos setores em que Ribeirão Preto continua a ter uma posição inquestionável no âmbito regional e mesmo estadual são o comércio atacadista, a educação e, sobretudo, a saúde. De fato, a ampliação dos complexos educacional e de saúde nessas duas décadas revelou-se expressivo, tanto no tocante ao setor privado quanto ao setor público, com destaque para a grande amplitude do serviço público municipal.

O setor saúde pôde se desenvolver com particular intensidade no município devido à conjugação de diversos fatores que vão desde a existência da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o encadeamento com uma rede de comércio e serviços de apoio (laboratórios, clínicas, venda de equipamentos etc.) e o surgimento de indústrias especializadas. O desenvolvimento desse setor colaborou de forma decisiva para o crescimento econômico do município, não só pela renda e empregos diretamente ligados a essas atividades como também por servir como fator de atração de pessoas de todo o país e, por esse meio, de estímulo ao comércio e setor de serviços locais.

Na seqüência, cabe analisar, de forma mais pormenorizada, o desempenho de cada um dos principais setores de atividade econômica do município, bem como seus reflexos na área social.

### **Indústria**

O setor industrial apresenta importância menor para o município quando cotejado com a atividade terciária. Segundo a Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo, a indústria respondia, em 2000, por 26,8% do valor adicionado fiscal (comércio, 45,5% e serviços, 24,2%). Quando se considera sua capacidade de absorção de mão-de-obra, constata-se que a indústria se responsabilizava por apenas 18,3% do emprego formal em 2000 (21.292 trabalhadores), enquanto o comércio empregava 26,3% e o setor de serviços 54,0%<sup>13</sup>.

A análise do consumo de energia elétrica por setor de atividade revela, de igual forma, a menor importância e dinamismo da indústria<sup>14</sup>. Uma outra constatação importante é que o setor industrial de Ribeirão Preto é o único em que o consumo médio é menor do que a média do Estado, indicando a presença de empresas menos intensivas na utilização de energia e de

---

13. Dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho.

14. Em 1998, para um consumo de 164.520 Mwh na indústria, houve um dispêndio de 309.963 Mwh no comércio, serviços e outras atividades (excluindo-se o consumo rural, que foi de 7.646 Mwh). Merece destaque também o crescimento diferencial entre o setor secundário e terciário entre 1990 e 1998: enquanto na indústria o aumento no consumo de energia elétrica foi de apenas 10,4%, nas atividades terciárias, o incremento foi de 84,6%. Quando se considera o número de consumidores de energia elétrica a situação se altera; em termos absolutos, havia, em 1998, 3.307 estabelecimentos no setor industrial e 17.615 no setor comercial, de serviços e outras atividades. Todavia, a taxa de crescimento desse número nos anos 1990 foi maior no caso da indústria (58,0%), do que no setor terciário (35,5%). Tais números estão a indicar nitidamente uma ampliação do tamanho médio dos estabelecimentos do setor terciário, simultaneamente à redução operada no setor industrial

menor porte comparativamente ao restante do Estado de São Paulo<sup>15</sup>.

Entre as principais atividades industriais de Ribeirão Preto destacam-se as usinas de açúcar e álcool<sup>16</sup>, a indústria de máquinas agrícolas e equipamentos para as usinas, o setor de bebidas, alimentício, equipamentos médico-odontológicos e indústria farmacêutica. A proximidade do mercado consumidor ou da fonte de matéria-prima e a existência de mão-de-obra especializada e desenvolvimento de pesquisas – caso particular da área médica-odontológica – constituem-se nos determinantes fundamentais da atividade industrial do município.

Embora o dinamismo econômico de Ribeirão Preto a partir dos anos 30 tenha como eixo principal as atividades terciárias, há também a contribuição decisiva do crescimento industrial observado no período, calcado, sobretudo, no desenvolvimento da agroindústria, mais especificamente ao processamento do algodão e da cana-de-açúcar. O Catálogo das Indústrias do Estado de São Paulo de 1945 aponta, entre as principais indústrias do município, a S.A. Indústrias Reunidas F. Matarazzo – estabelecida em 1936 e dedicada ao beneficiamento do algodão – e a S.A. Moinho Santista Indústrias Gerais, fixada no município em 1938 e voltada para a produção de óleo refinado e sabão e com 309 operários em 1945. Mas o subperíodo mais significativo para o desenvolvimento da agroindústria em Ribeirão Preto foi a Segunda Guerra Mundial. Nesse interregno instalam-se em Ribeirão Preto: a Anderson Clayton & Cia Ltda. (beneficiamento de algodão - 1939), a Sociedade Agrícola Fazenda Luís Pinto (álcool – 1940), a Ed. Luís Magri & Cia Ltda e a indústria Edison Leite de Moraes (ambas voltadas para o beneficiamento de algodão – 1940), Algodoeira Meirelles Ltda. (1941), a Refinaria Ipiranga Ltda (açúcar refinado – 1942) e Uchôa Carneiro & Cia Ltda. (beneficiamento de algodão – 1944). Pouco anos depois, em 1946 e 1948 houve a fundação de duas das principais empresas de Ribeirão Preto atualmente, a Dabi Atlante e a Coca-Cola, respectivamente.

Ao longo dos anos 50, a substituição de importações no Brasil avançou decisivamente nos setores em que havia maior atraso relativo: bens de consumo duráveis, bens de capital e bens intermediários. Um aspecto importante dessa transformação diz respeito à concentração desses setores mais dinâmicos da indústria na região metropolitana de São Paulo, notadamente a indústria de bens de consumo duráveis. Os investimentos e o conjunto de incentivos por parte do setor público para o incremento da atividade industrial implementados durante o Plano de Metas potencializou de forma evidente a concentração industrial, que já vinha se processando anteriormente, no Estado de São Paulo, e, em particular, na capital do Estado e cidades circunvizinhas. Aos demais pólos de crescimento industrial que se podem verificar no interior do Estado – dentre os quais se destaca a Região de Ribeirão Preto – restaram promover seu crescimento industrial com base nos setores tradicionais, implicando menor dinamismo do setor secundário no período pós-guerra.

Dessa forma, explica-se que, a despeito do incremento desse setor, Ribeirão Preto, que em 1947, segundo o Censo Industrial, ocupava a décima posição no contexto estadual, passasse a ser a décima-nona cidade industrial do Estado em 1960, perdendo posições em favor das cidades mais próximas da Capital. Ademais, quando se considera o contexto

---

15. Fonte: Secretaria de Estado de Energia e CESP. Ao considerar todas as atividades econômicas formais, mediante os dados da RAIS, constata-se, para o ano de 2000, que o emprego em micro e pequenas empresas é proporcionalmente maior que a média do restante do interior do Estado de São Paulo.

16. A expansão do número de usinas de açúcar e álcool, sobretudo a partir de meados da década de setenta, ancorou-se, em larga medida, no financiamento e subsídios generosos concedidos pela política governamental, a qual visava reduzir a dependência externa do petróleo.

regional, também a indústria de Ribeirão Preto, nesse momento, já revela uma importância bem menor do que o setor terciário. O valor da transformação industrial em Ribeirão Preto, em 1960, correspondia a apenas 12,1% do total da Região Administrativa (0,38% do total do Estado de São Paulo), enquanto os índices de concentração dos setores comercial e de serviços eram bem mais elevados.

Nos anos 60, destoando da tendência mais geral de concentração na indústria leve, destaca-se o início das atividades de duas empresas com grande representatividade e importância na economia atual de Ribeirão Preto: a Santal Equipamentos S/A e a JP Indústria Farmacêutica.

Quando se considera o número de pessoas ocupadas na indústria, percebe-se que a perda de importância de Ribeirão Preto nesse setor no contexto regional fez-se de forma consistente durante as décadas de sessenta e setenta. Em 1960, Ribeirão Preto respondia pela maior parte do emprego industrial na Região Administrativa, em 1970 Franca tornava-se a cidade com maior número de operários no âmbito regional e em 1980 constata-se que também São Carlos ultrapassa Ribeirão Preto nesse quesito<sup>17</sup>.

Em 1970, segundo os dados do Censo do IBGE, o contingente de trabalhadores alocados no setor industrial era de 18.096, o que correspondia a 23,6% da PEA total do município<sup>18</sup>. Embora o maior número de estabelecimentos industriais estivesse localizado no município (578), o valor da produção de Ribeirão Preto era 9% menor que o de São Carlos e 7% menor que Araraquara<sup>19</sup>. Durante os anos 70 também Franca ultrapassou Ribeirão Preto no tocante ao valor da produção industrial.

A intensificação do processo de modernização agrícola que caracterizou os anos setenta, com a maior utilização de máquinas agrícolas, fertilizantes, pesticidas etc., refletiu-se diretamente na estrutura produtiva de Ribeirão Preto, mediante o maior desenvolvimento de indústrias voltadas para esse segmento de mercado. Todavia, é importante frisar que o predomínio da indústria de bens de consumo não duráveis ainda se manteve. Entre os setores industriais mais importantes do município de Ribeirão Preto no início dos anos 1980 cabe mencionar: bebidas, calçados, couros e peles, madeiras, tecidos, usinas de açúcar e álcool, metalurgia, indústria mecânica e de implementos agrícolas, material odontológico, óleo vegetal e material farmacêutico.

O dinamismo industrial, que marcou toda a economia brasileira nos anos 70 e particularmente o Estado de São Paulo, cujo PIB industrial cresceu a uma taxa média geométrica de 9,7% ao ano, teve em Ribeirão Preto um crescimento ainda mais substantivo, 11,0% ao ano<sup>20</sup>. Um ponto interessante a ressaltar relativamente a esse período é que o crescimento maior se fez na primeira metade da década (15,6% contra 6,6% ao ano na segunda metade), ao contrário do que se podia esperar a princípio, em decorrência do início do Proálcool a partir de 1975. O número de trabalhadores alocados no setor secundário, apresentou um crescimento de 7,3% ao ano em média, com o total alcançando 36.597 operários<sup>21</sup>.

---

17. Do emprego regional total na indústria, em 1980, 23,5% estava em Franca, 15% em São Carlos e 11,7% em Ribeirão Preto.

18. Em relação à Região Administrativa de Ribeirão Preto, os operários da cidade correspondiam a 18,6%.

19. Relativamente aos dois outros municípios mais industrializados, Franca e Orlandia, Ribeirão Preto apresentava um nível de produção industrial 23% e 30% maior, respectivamente.

20. Todavia, tal crescimento diferenciado fez com a participação do PIB industrial de Ribeirão Preto no total do Estado se mantivesse ainda em patamar muito reduzido, ampliando-se de 0,52% para 0,58% apenas.

21. Esta evolução permitiu que a participação dos trabalhadores da indústria na PEA se ampliasse de 23,6% para 27,4% nos anos setenta.

A década de 80 caracterizou-se em todo o país por uma significativa redução do produto industrial nos primeiros anos (1981-83), seguida de recuperação a partir do ano seguinte até o Plano Cruzado (1986) e relativa estagnação posterior. Apesar do contexto de crise, a indústria ribeirão-pretana ainda conseguiu apresentar uma taxa média de crescimento de 4,2% ao ano na década de 80<sup>22</sup>, em decorrência, sobretudo, do dinamismo emprestado ao setor agropecuário por conta da política de favorecimento ao setor exportador e à expansão do Proálcool. A PEA do setor secundário cresceu, nesse mesmo período, a uma taxa média de 4,8% ao ano. Todavia, o comportamento das duas metades da década foi bastante distinto; bem mais intenso na primeira metade – crescimento de 7,2% ao ano –, momento de crise mais aguda da economia brasileira e paulista, reduzindo-se de forma substantiva entre 1985 e 1990: 2,6%.

Considerando os dados relativos ao emprego formal (RAIS) é possível inferir que os setores industriais que apresentaram maior dinamismo na primeira metade de década de 90 foram os de alimentos, bebidas e açúcar e álcool. Entre os setores que perderam participação destacam-se a indústria de calçados e couro, mecânica, química e, com destaque particular, pela intensidade de seu decréscimo, a indústria têxtil.

O setor da construção civil passou por desenvolvimento acentuado nas últimas décadas, intensificando-se o processo de verticalização, em virtude do aumento do preço do solo nas áreas mais valorizadas da cidade. Um bom exemplo disso é o enorme aumento de domicílios entre 1980 (74.105) e 2000 (146.739), o que corresponde a uma taxa geométrica média de crescimento de 3,5% ao ano<sup>23</sup>. Do total de domicílios particulares permanentes em 2000, 15,8% correspondiam a apartamentos<sup>24</sup>.

Um dos períodos de crescimento particularmente intenso da construção civil em Ribeirão Preto foram os anos 70. Durante a fase de crescimento acelerado que marcou essa década, o PIB municipal do setor de construção civil cresceu 270%, taxa bem superior à do Estado de São Paulo, que foi de 179%. A crise econômica a caracterizar a primeira metade da década seguinte trouxe conseqüências diretas sobre o setor, mas, ainda assim, quando comparado com o desempenho do Estado, a queda no nível de atividade foi menor, com o PIB municipal do setor caindo 9% entre 1980 e 1985, enquanto no Estado essa queda foi de 14,4%.

A partir da segunda metade da década de 80, embora a uma taxa mais reduzida, houve uma retomada do nível de atividade do setor, impulsionada sobretudo pela construção de edifícios e pela expansão observada no setor terciário.

## **Comércio**

Como anotado anteriormente, o desenvolvimento da atividade agropecuária na região de Ribeirão Preto caracterizou-se, sobretudo a partir dos anos 1930, por um importante processo de diversificação que vai ser uma das bases para o dinamismo econômico do município<sup>25</sup>.

A qualidade excepcional das terras e a instalação de uma agricultura moderna em bases capitalistas, em todo o Nordeste Paulista e parte do Sul de Minas Gerais, propiciaram

---

22. Tal taxa revelou-se duas vezes maior do que a do Estado de São Paulo.

23. Refletindo o menor dinamismo na década de 1990, entre 1991 e 2000, a taxa média de expansão foi de 2,7%, bem menor, portanto, que a taxa de 4,1% observada entre 1980 e 1991.

24. Fonte: IBGE e Fundação SEADE.

25. Embora possamos observar, a partir da década de 1970 uma reconcentração das atividades primárias, desta vez sob a hegemonia da cultura canavieira. Isto é tanto mais verdade quanto mais próximas as áreas produtivas da cidade de Ribeirão Preto, no entanto, conforme a distância vai aumentando, outras culturas vão revelando sua importância relativa: soja, laranja, café, amendoim, pecuária.

crescimentos substantivos da renda nessas regiões, parcela da qual obrigatoriamente torna-se demanda por bens e serviços somente encontrados nas áreas urbanas. E Ribeirão Preto constituiu-se, sobretudo a partir da década de 1930, em *locus* privilegiado de atendimento a essa demanda.

Assim, Ribeirão Preto firma-se como o mais importante centro comercial e de serviços da região, voltado para atender às cidades circunvizinhas, usufruindo, desse modo, do dinamismo econômico das atividades agropecuárias de uma área muito mais ampla, que abrangia um rol de produtos bem mais significativo. Decorre daí um impulso de crescimento maior e mais constante da economia municipal, dada a relativa imunidade a variações de monta que porventura pudessem ocorrer nas condições de mercado de um único produto agropecuário<sup>26</sup>.

Os setores comercial e de serviços respondiam, no ano de 2000, por mais de 80% dos empregos formais do município, assim como por quase 70% do valor adicionado fiscal nesse mesmo ano. Trata-se de uma rede de estabelecimentos – 5.723 comerciais e 5.113 no setor de serviços<sup>27</sup>, considerando-se apenas os estabelecimentos formais – extremamente ampla e diversificada. No tocante ao setor comercial, cabe salientar o papel destacado de Ribeirão Preto como um dos principais centros distribuidores do país.

A importância relativa do setor comercial de Ribeirão Preto no âmbito regional e estadual, que já se revelara expressiva nas décadas anteriores, ampliou-se ainda mais nas décadas de 1950 e 1960. Em 1960, os números relativos à receita e ao capital total aplicado, bem como ao pessoal ocupado, na atividade comercial de varejo, na cidade de Ribeirão Preto só eram suplantados pela Capital — com largo predomínio sobre o restante do Estado —, e pelas cidades de Santos e Campinas.

Durante os anos 50, a importância de Ribeirão Preto como centro distribuidor de mercadorias para toda a área da Alta Mojiana ampliou-se ainda mais. Apesar da reduzida participação do Nordeste paulista como um todo no Estado de São Paulo — 1,5% do emprego e das receitas do setor em 1959 — internamente à região de Ribeirão Preto destaca-se de forma evidente, responsabilizando-se isoladamente por mais de três quartos do pessoal ocupado e quase dois terços das receitas totais do comércio atacadista em 1959. Tal concentração elevada das atividades de comércio atacadista em Ribeirão Preto permitiu que, no final da década de 1950, o município se constituísse no sexto centro atacadista mais importante do Estado em termos de faturamento e capital aplicado e o quinto no que tange ao pessoal ocupado.

Tal evolução se manteve nos anos 60, permitindo que, em 1970, os trabalhadores no comércio correspondessem a 15,1% da PEA total do município (11.609 comerciários). Nesse ano, a receita de vendas do comércio varejista de Ribeirão Preto correspondia a 27,9% do total da Região Administrativa<sup>28</sup>; tal percentual se ampliava de forma significativa quando considerado o comércio atacadista: 44,1%.

Os anos 70 foram o período de maior crescimento das atividades comerciais, com a taxa média do PIB comercial de Ribeirão Preto situando-se em 9,7% ao ano, o que correspondeu a um aumento total de mais de 150% na década. Tal crescimento acelerado do

---

26. A larga hegemonia alcançada por Ribeirão Preto no setor terciário no contexto regional logrou inviabilizar o desenvolvimento mais amplo e diferenciado de tais atividades nas cidades vizinhas, fazendo com que outras atividades ali se instalassem com maior profusão. É o caso de Franca, São Carlos e Araraquara, por exemplo, cuja especialização nas atividades industriais evidenciou-se mais notável do que em Ribeirão Preto.

27. Estabelecimentos formais, segundo a RAIS-2000.

28. Os dois outros municípios com maior participação no emprego comercial da Região eram Araraquara (11,6%) e São Carlos (8,3%).

setor comercial evidencia a consolidação do papel de pólo comercial de Ribeirão Preto, uma vez que tal taxa corresponde a mais do dobro da registrada para o Estado de São Paulo (64,6%). Os 23.284 comerciários correspondiam a 17,4% da PEA municipal em 1980.

Durante a década de 80, o número de trabalhadores empregados no comércio ampliou-se a uma taxa média anual de crescimento de 7,2% ao ano, maior do que o do setor terciário como um todo e semelhante à da indústria.

O processo de concentração das atividades comerciais em Ribeirão Preto no contexto regional expressa-se de forma exemplar a partir dos dados do Censo de 1980, notadamente quando cotejados com os principais municípios da região. Da receita total de vendas no comércio da região de Ribeirão Preto<sup>29</sup>, a cidade de Ribeirão Preto responsabilizava-se por 40%, Araraquara ficava com 7,8%, São Carlos, com 6,8% e Franca, 6,5%.

A importância do setor comercial em Ribeirão Preto pode ser aquilatada também pelo fato de que, em 1980, o município ocupava o quinto lugar no Estado de São Paulo em relação à arrecadação do Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM) no comércio. Tal posição relativa mostrava-se bem mais importante do que a observada no caso do valor adicionado total (vigésima-segunda), no valor da produção agrícola (trigésima-segunda) e na arrecadação de ICM na indústria (vigésima-primeira).

Tal quadro de concentração aprofundou-se nos anos seguintes, devido ao maior dinamismo do setor comercial na primeira metade dos anos 80. Nesse sentido, revela-se bastante significativa a constatação de que, enquanto no Estado de São Paulo o PIB do setor comercial regrediu 11,5% nesse período, em Ribeirão Preto houve uma expansão de 23%, fazendo com que a participação do município no total do Estado entre 1970 e 1985 mais do que duplicasse, passando de 1,16% para 2,48%<sup>30</sup>. Relativamente à Região Administrativa, o município de Ribeirão Preto respondia, em 1980, por 32,7% do valor adicionado do setor varejista e 37,0% no tocante ao comércio atacadista.

Ao longo dos anos 90, notadamente na segunda metade da década, houve um incremento importante na atividade comercial do município, em decorrência da instalação de novos hipermercados e *shopping centers*, consolidando a tendência de maior concentração do setor de varejo, bem como de maior sofisticação e concorrência do setor, propiciando, do mesmo modo, maior amplitude de escolha ao consumidor de Ribeirão Preto e cidades vizinhas.

## Serviços

Além da importância decisiva quanto à distribuição de mercadorias, constituindo-se como lugar privilegiado de compras para os moradores da região e de centro distribuidor atacadista relevante<sup>31</sup> – como apontado páginas atrás –, Ribeirão Preto constitui-se também como local privilegiado de oferta de serviços, atraindo consumidores de diversas outras cidades<sup>32</sup>.

---

29. Naquele momento composta por oitenta e seis municípios.

30. Tais percentuais de participação alcançaram 1,43% em 1975 e 1,79% em 1980.

31. A importância de Ribeirão Preto como pólo atacadista pode ser aquilatada também pelo fato de que o emprego no setor comercial nas cidades da Região restringe-se quase exclusivamente ao setor varejista.

32. Uma informação adicional relativa à importância de Ribeirão Preto como centro comercial e de serviços diz respeito ao fluxo de passageiros e de carga do Aeroporto Dr. Leite Lopes, o qual apresentou o maior movimento de passageiros e o segundo maior volume de carga transportada entre os trinta aeroportos administrados pelo Departamento Aeroviário do Estado de São Paulo, sendo responsável, no ano de 2000, por 37,6% do número de passageiros e 24,8% da carga e correio transportado. No tocante ao número de pousos e decolagens, o aeroporto de Ribeirão Preto ocupava a terceira posição, com pouco mais de 10% do número total. O Aeroporto Estadual Dr.

Os destaques inequívocos dentro desse setor são as atividades financeiras – com Ribeirão Preto apresentando um índice de concentração regional extremamente elevado – e os setores de educação e saúde.

Ao final dos anos 50, a cidade já se firmava como a quarta mais importante do Estado, posicionando-se de forma muito próxima a Campinas no tocante ao contingente ocupado e à receita total, e ultrapassando-a quando considerado o volume de capital aplicado no setor de serviços. Situação semelhante pode ser observada em relação aos serviços financeiros, com Ribeirão Preto firmando-se como a quarta maior praça financeira do Estado, sendo suplantada, novamente, apenas pela Capital, por Santos e por Campinas.

Em 1970, os trabalhadores do setor de serviços já englobavam mais de metade da PEA do município – eram 38.473 pessoas, o que correspondia a 50,1% da PEA<sup>33</sup>. Durante os anos 70, a hegemonia do setor terciário firmou-se ainda mais no município<sup>34</sup>. Se, em 1970, 64,1% da PEA se encontravam no setor terciário (44.498 pessoas, mais do que o dobro das pessoas empregadas na indústria), tal percentual ampliou-se para 67,1% dez anos depois. Tal crescimento correspondeu à criação de 39.500 postos de trabalho na década, equivalente a uma taxa de 6% ao ano, quase o dobro da taxa de crescimento da população urbana. Nesse período, entre as cidades que eram sede de regiões administrativas, apenas São José dos Campos e Campinas apresentaram crescimento maior. No que toca à PEA do setor terciário, Ribeirão Preto empregava, em 1980, 26% da mão-de-obra do setor, Araraquara tinha 8,5%, Franca, 7,3% e São Carlos, 6,7% (SEMEGHINI, 1992, p. 182).

A característica dominante desse processo de crescimento do terciário nos anos 1970 foi a expansão mais intensa do denominado “terciário moderno” (serviços distributivos, produtivos, pessoais e sociais). Incremento bem mais modesto foi observado no caso do emprego doméstico e do comércio ambulante, conquanto a participação desses dois segmentos de trabalhadores somassem cerca de 10% da PEA do município. Essa expansão do terciário moderno se encontra relacionada, sobretudo, ao crescimento da demanda de serviços como: consultoria, engenharia, processamento de dados, manutenção, limpeza, segurança, intermediação financeira, hotelaria, alimentação, rádio e televisão, educação e saúde. Um dado ilustrativo refere-se ao aumento de bancos e agências bancárias entre 1970 e 1980. De vinte bancos em 1970, com trinta e duas agências, chegou-se, em 1980, a trinta e dois bancos e quarenta e seis agências.

Excluindo-se o setor comercial, tratado anteriormente, a taxa de crescimento do setor de serviços na década de 70 expressa muito bem esse dinamismo, com o PIB do setor quase triplicando no período (aumento de 183,6%), o que corresponde a uma taxa média anual de 11,0%<sup>35</sup>. Tal crescimento fez-se mediante incrementos substantivos de produtividade do setor, uma vez que a mão-de-obra alocada no setor cresceu praticamente metade desse percentual, 5,6% ao ano.

Um dos segmentos do setor terciário que apresentou maior dinamismo nos anos 80 foi

---

Leite Lopes, localizado no bairro do Tanquinho, teve origem com uma escola de aviação, criada em 1930 e transformada, em 1939, no Aero clube de Ribeirão Preto. Em 1952, iniciou-se o transporte de passageiros, com a construção de um terminal e uma estação de rádio. A modernização veio nos anos 80 com a pavimentação da pista, reforma geral, ampliação da pista e construção de uma torre de controle de operações e equipamentos de auxílio à navegação, permitindo que, no início dos anos 90, o aeroporto pudesse receber aviões de maior porte. (Cf. PINHEIRO, 1995: 27-28).

33. Foram incluídos nestes números 5.786 trabalhadores alocados em “outras atividades” e 3.883 funcionários da administração pública.

34. A maioria dos dados citados na seqüência foram retirados de Semeghini, 1982.

35. A título de comparação, a taxa observada para o Estado de São Paulo foi de 8,7%.

o de serviços distributivos (comércio, transportes e comunicações), observando-se grande aumento no peso relativo dos supermercados e grandes lojas. Trata-se de um momento de grande diversificação e sofisticação da oferta no setor terciário, com a instalação do segundo grande *shopping center* do interior do Estado, em 1981, ampliação da rede hoteleira moderna (com a implantação de hotéis cinco estrelas até então inexistentes), expansão e modernização do sistema financeiro (instalação de bancos estrangeiros), comércio (lojas de departamento), transporte e armazenagem, chegada das estações de televisão<sup>36</sup>. Essa diversificação e sofisticação encontram-se na base das explicações da preservação do nível de atividade do setor entre 1980 e 1985 em Ribeirão Preto – mantendo-se praticamente inalterado o PIB do setor (crescimento de 0,98% ao ano) – mesmo num contexto de crise aguda que marcou a primeira metade dos anos 80, com o PIB do setor de serviços no Estado reduzindo-se 3,6%. Tal situação permitiu que o setor terciário em Ribeirão Preto continuasse a ser um grande absorvedor de mão-de-obra, com a taxa de expansão da PEA do setor crescendo 6,0% ao ano entre 1980 e 1985. A diferença entre o comportamento do PIB e do emprego no terciário encontra-se relacionado, por certo, ao incremento significativo das atividades informais, de menor produtividade, que passou a caracterizar com maior intensidade o setor a partir da “década perdida”. Na segunda metade dos anos 80, o dinamismo arrefeceu-se de forma moderada, com o número de trabalhadores ligados ao setor crescendo 3,7% ao ano, em média.

Em relação ao sistema financeiro, cabe destacar que o número de bancos e agências ascendeu a cinquenta e oitenta e quatro em 1990, respectivamente, com a compensação mensal de cheques atingindo a casa dos US\$ 1,6 a US\$ 1,9 bilhões, colocando Ribeirão Preto como a terceira praça do país.

Na primeira metade da década de 90, verificamos uma expansão significativa das operações de crédito e depósitos totais, médias anuais de crescimento de 20,4% e 8,6%, respectivamente. Tais números caracterizam bem o dinamismo do setor em Ribeirão Preto, a despeito do quadro de estagnação que marcou a economia brasileira nesse momento. Esse dinamismo expressava-se também por ser Ribeirão Preto a única cidade do Estado fora da Capital em que havia um escritório da Bolsa de Valores de São Paulo e um banco de investimento, o Banco Ribeirão Preto.

Todavia, o processo de concentração bancária ocorrido nos anos 1990, juntamente com a estabilização inflacionária fizeram com que a demanda por serviços financeiros se reduzisse de forma importante na segunda metade da década, correspondendo, em Ribeirão Preto, a uma redução no número de agências bancárias para sessenta e quatro, ainda que sua importância como praça financeira se mantivesse, a despeito da perda de importância relativa do município nesse quesito no contexto regional. Das 184 agências bancárias existentes na Região Administrativa de Ribeirão Preto em 2000, oitenta e quatro concentravam-se na cidade-sede. Todavia, os números mais expressivos referem-se à proporção dos depósitos totais e operações de crédito realizadas no município em relação à Região Administrativa: 67,1% e 77,1%, respectivamente; ambos os percentuais situavam-se na casa dos 82% em 1996.

Um outro dado importante diz respeito ao setor de entretenimento. Houve uma expansão significativa desse setor na segunda metade da década de 1990. Como exemplo temos que, entre 1995 e 1999, o número de cinemas mais do que duplicou (de nove para vinte e um), concentrando praticamente todos os cinemas da Região de Governo, uma vez que o número total de cinemas nessa era de vinte e dois<sup>37</sup>.

---

36. Com destaque para a chegada da EPTV, afiliada da Rede Globo, em 1980.

37. Segundo os dados da Fundação SEADE.

## O Setor de Educação

Ribeirão Preto constitui-se hoje num dos principais pólos educacionais do país. Sua ampla e qualificada rede escolar de primeiro e segundo grau e, sobretudo, de nível superior atraem estudantes de toda a região e de diversas regiões do Estado de São Paulo e de outros estados.

Em 2000, existiam em Ribeirão Preto noventa e nove estabelecimentos de ensino pré-escolar, 125 de ensino fundamental e quarenta e seis de ensino médio. À exceção da pré-escola, nos demais níveis de ensino há a predominância do setor público. Nesse mesmo ano, havia 22.071 alunos matriculados no ensino superior de Ribeirão Preto<sup>38</sup>, distribuídos em cinco instituições de ensino superior e em 106 cursos de graduação, sendo assistidos por 1.370 professores<sup>39</sup>. Todo esse contingente docente e discente, juntamente com os diversos tipos de eventos culturais e científicos que acompanham a atividade acadêmica de qualidade – como por certo é o caso de Ribeirão Preto, sobretudo na área de ciências médicas –, acabam por gerar um efeito direto e indireto sobre a atividade econômica do município muito importante.

Em relação ao sistema de ensino, já nos anos 30 se constata a situação privilegiada de Ribeirão Preto frente aos demais municípios da região. Segundo o jornal “A Cidade”, de 10 de fevereiro de 1933, “*Ribeirão Preto tornou-se em pouco tempo um dos maiores centros educacionais do Brasil, para onde convergem estudantes de toda parte. A nossa Faculdade de Farmácia e Odontologia goza de extraordinário renome, sendo a única do estado, sendo comparada às congêneres federais. (...) Vantagens aos estudantes: facilidade de se obter pensões bem instaladas, com bom tratamento e baixos preços. No mais, trata-se de uma cidade sem luxo, onde as demais despesas são bem restritas*”. Por certo, esta última observação, ao ensejar a interpretação de uma gama de atividades de lazer ainda muito incipiente, não devia agradar muito aos estudantes<sup>40</sup>.

A fundação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP, em 1952, constituiu-se em ponto de inflexão fundamental do sistema de ensino do município, na medida em que ensejou condições para a consolidação do município como um centro de excelência na área médica, tanto no que diz respeito ao atendimento médico, como à pesquisa e educação.

O incremento da atividade educacional caminhou a passos largos nas décadas de 1950 e 1960, com a abertura de novos cursos na USP e o surgimento de várias faculdades privadas.

A expansão do setor educacional nos últimos anos revela-se extremamente importante, notadamente no que se refere ao ensino superior. No início dos anos 1990 havia na cidade o *campus* da USP e três universidades particulares, somando quarenta e quatro cursos e 12.300 alunos (SEMEGHINI, 1992, p. 195). Em 1995, o número de alunos matriculados em cursos superiores ampliou-se para 14.151, crescendo, portanto, a uma taxa média geométrica de 2,84% ao ano. Não obstante, foi na segunda metade da década passada que o crescimento

---

38. Destes, apenas 13,1% estudavam na USP, pouco mais da metade (53,5%) cursavam escolas particulares e o restante (33,4%) encontravam-se matriculados em universidades da “rede comunitária/ confessional/filantrópica”. Fonte: Ministério da Educação - MEC/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Inep e Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE

39. De acordo com o Edudatabrasil do INEP.

40. Alguns anos depois, observação de igual teor irá aparecer em outra gazeta. Assim, sob o título de “Ribeirão Preto é a cidade do ensino”, o Diário de Notícias (17/08/1939) enumera o conjunto expressivo de escolas então existentes: “*A cidade possui 82 estabelecimentos de ensino, com diversos cursos: 4 ginásios oficiais, 3 escolas normais, 7 grupos escolares, 4 colégios particulares, 28 escolas municipais, 34 escolas rurais, 1 faculdade de Farmácia e Odontologia, 1 Faculdade de Ciências Econômicas. Com 12.400 alunos matriculados em seus diversos cursos*”.

ocorreu de forma mais pronunciada, 9,30% ao ano, atingindo o total de 22.071 matrículas<sup>41</sup>.

### **O Setor de Saúde**

Um outro aspecto fundamental do desenvolvimento econômico ribeirão-pretano relaciona-se à expansão do setor de saúde na cidade.

A importância do setor médico em Ribeirão Preto e no contexto estadual pode ser avaliada pelos dados relativos ao número de médicos residentes por mil habitantes. Em 1991 esse número era de 3,44, com Ribeirão Preto ocupando a quinta posição no Estado, em 2000 esse indicador ascendeu a 4,68, ensejando que o município passasse a ser o de maior densidade médico/habitante. Em termos nacionais isto significou passar da décima-quinta para a quarta posição. Tratava-se também de uma rede composta por nove hospitais, com 1.929 leitos, vinte e três centros de saúde e sessenta e três unidades ambulatoriais.

Na área odontológica registra-se situação semelhante de concentração dessa atividade em Ribeirão Preto. Enquanto no Estado de São Paulo, em 2000, o coeficiente de dentistas registrados no Conselho Regional de Odontologia por dois mil habitantes era de 2,83, tal coeficiente alçava-se a mais do dobro em Ribeirão Preto, 6,03<sup>42</sup>.

A amplitude e qualidade dessa rede de atendimento finda por atrair pessoas necessitadas de atendimento médico de todo o Estado de São Paulo e de outros estados. Segundo relatório da prefeitura, Ribeirão Preto, como o segundo maior centro de saúde do Estado, atende a pessoas providas de cerca de 300 municípios. Infelizmente, não há dados disponíveis para avaliar de forma mais precisa o fluxo de pessoas que procuram Ribeirão Preto à procura de atendimento de saúde especializado. Todavia, é certo que o nível de renda e emprego gerados na cidade a partir dessa demanda constitui parcela apreciável da renda do município<sup>43</sup>.

A especialização na área médica data de início do século XX, quando Ribeirão Preto já era procurado por moradores de cidades vizinhas para tratamento médico. Em 1924, ocorreu a fundação da Faculdade de Odontologia e Farmácia, posteriormente incorporada à Universidade de São Paulo.

A criação da Escola de Enfermagem da Santa Casa, em 1935, colaborou de forma importante para que Ribeirão Preto, já nos anos 30 e 40 começasse a se firmar como pólo de serviços médicos, atendendo a pacientes de toda a Região Nordeste do Estado de São Paulo, do Sul de Minas Gerais e do Triângulo Mineiro. É esse contexto que ensejou condições para que se tomassem as primeiras iniciativas para a instalação da primeira Faculdade de Medicina no interior paulista (Cf. PINHEIRO, 1995: 34).

A partir dos anos 1950, com a instalação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – seguindo-se outros cursos nas áreas de Biologia e Biomédicas – pôs-se em marcha um processo de consolidação da cidade como centro regional e estadual na área médica. Isso ocorreu também em virtude da grande expansão de indústrias e serviços (clínicas, laboratórios, consultórios etc.) relacionados às áreas de Medicina e Odontologia.

Uma característica fundamental da nova Faculdade de Medicina da USP foi aliar, desde o início, o ensino à pesquisa, permitindo o desenvolvimento acelerado do setor em

---

41. A despeito do aumento do número de vagas nas cidades da Região de Governo, a concentração observada no município ampliou-se, pois, se em 1995 o número de matriculados no ensino superior em Ribeirão Preto correspondia a 84,3% do total da Região de Governo, em 2000 esse percentual aumentou para 86,4%.

42. Entre 1993 e 2000 houve uma ampliação da especialização do município nesse tipo de atividade; enquanto no Estado de São Paulo o número de dentistas registrados no CRO/SP aumentou 26,4%, em Ribeirão Preto esse incremento foi de 33,4%, alcançando 1.519 profissionais.

43. Não é possível esquecer também o volume de repasse de verbas públicas associadas ao setor saúde.

condições de excelência. Como exemplo, temos a realização do primeiro transplante de rim da América Latina sendo realizado no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto – fundado em 1955 – e, atualmente, o reconhecimento internacional da qualidade dos trabalhos de pesquisa publicados pelos docentes da Universidade de São Paulo.

Ao lado do Hospital das Clínicas, vários outros hospitais particulares vieram se juntar à oferta de serviços de atendimento à saúde, além do já existente Hospital São Francisco, cujas atividades se iniciaram em 1945. Entre os mais importantes podemos citar: o Hospital São Lucas (fundado em 1969), o Hospital São Paulo (1978), a Maternidade Sinhá Junqueira (1984) e o Hospital do Coração – ligado ao Grupo São Francisco e inaugurado em 1988 (Cf. PINHEIRO, 1995: 36-37).

### **Os Reflexos sobre a Situação Social**

Em virtude da reduzida importância direta do setor agropecuário regional para a economia de Ribeirão Preto, como apontado anteriormente, a concentração da população do município na área urbana mostra-se quase total. Segundo o Censo de 2000, dos 504.923 habitantes, apenas 2.163 moravam na área rural, equivalente a menos de 0,5% do total.

A larga predominância da população urbana de Ribeirão Preto e, portanto, a menor importância das áreas rurais, evidencia-se desde há muito. Em 1940, quando mais de dois terços da população brasileira ainda vivia nas áreas rurais, 60,2% da população de Ribeirão Preto vivia na cidade. Tal processo só se fez acentuar nas décadas seguintes. Em 1950, 70,8% da população do município vivia na área urbana (36,2% no Brasil e 52,6% no Estado de São Paulo), em 1960, 81,1% (45,1% no Brasil e 62,8% no Estado).

As condições de acesso a serviços básicos e a bens de consumo mostram um certo grau de saturação, com uma razoável aproximação dos limites máximos, à exceção do acesso a telefone e computador. Mas, mesmo no caso destes últimos, cujo percentual de residências com tais bens ascendia a 74,9% e 23,2%, respectivamente, revelavam-se bem superiores à média estadual. No caso do acesso à água encanada, energia elétrica, coleta de lixo e posse de geladeira e televisão, os percentuais, já bastante elevados no início da década de 90, alcançou valores bem próximos a 100% em 2000.

Um aspecto importante do desenvolvimento econômico e social de Ribeirão Preto, que salta à vista quando cotejados com os dados de outros municípios, diz respeito à qualidade da força de trabalho. Segundo os dados do IBGE para o ano de 2000, a taxa de alfabetização de adultos do município é a sexta mais elevada do Estado de São Paulo (95,56%); mesma posição quando considerada a média de anos de estudo das pessoas de vinte e cinco anos ou mais de idade (7,78). Ribeirão Preto também se situa entre os dez municípios paulistas com menor porcentagem de pessoas de vinte e cinco anos ou mais com menos de oito anos de estudo e de pessoas com quinze anos ou mais de idade com menos de quatro anos de estudo. O percentual de indivíduos com doze ou mais anos de estudo entre as pessoas com vinte e cinco ou mais anos de idade de Ribeirão Preto coloca-o como o sétimo município do Estado. São, portanto, indicadores robustos da vantagem relativa detida por Ribeirão Preto face à quase totalidade dos demais municípios paulistas e que se refletem de forma direta no mercado de trabalho. Os dados da Relação Anual de Informações Sociais para o ano de 2000 revelam de forma inequívoca o maior nível de qualificação da mão-de-obra formal do município *vis-à-vis* a Região Administrativa e o interior do estado.

Esse elevado nível de qualificação da força de trabalho, aliado à capacidade empresarial e aos investimentos realizados no passado, explicam o elevado nível de vida do município. A renda per capita no município de Ribeirão Preto aumentou 16,0% durante a

década de 1990, muito próximo da média estadual. O cotejo com o Estado como um todo aponta que Ribeirão Preto passou da nona para a décima posição (no Brasil, da décima-terceira para a vigésima) entre 1991 e 2000. O valor de R\$ 539,84 representa 22% a mais do que a renda per capita média do Estado.

Entretanto, a despeito desses dados, talvez os indicadores econômicos mais preocupantes sejam aqueles relativos à pobreza. Observa-se, nos anos 1990, um incremento de 45,92% no percentual de pobres, de 5,88% para 8,58%, o que equivale a um aumento de quase 18.000 pessoas na cidade vivendo abaixo da linha de pobreza fixada pelo IBGE/PNUD. Vale dizer, aumentou de 25.356 para 43.322 o número de pessoas sobrevivendo com uma renda per capita de até R\$ 75,50<sup>44</sup>. Infelizmente, trata-se aqui de um fenômeno generalizado no Estado de São Paulo, conquanto a evolução desfavorável desse indicador tenha sido mais significativa em Ribeirão Preto que na média do Estado. Todavia, cabe apontar que, a despeito desse desempenho insatisfatório, Ribeirão Preto ainda se situava, em 2000, entre os municípios com menor percentual de pobres – vigésimo-sétimo lugar entre as 645 cidades paulistas (nono lugar em 1991).

Quando se considera o subgrupo de pessoas pobres classificadas como indigentes – definidas como aquelas pessoas com renda per capita abaixo de R\$ 37,50<sup>45</sup> – o desempenho de Ribeirão Preto nos anos 1990 revela-se ainda mais perverso. O município, que ocupava em 1991 a posição de número trinta e três quanto ao percentual de indigentes (1,50%, equivalente a 6.468 pessoas), teve esse percentual mais do que duplicado nos anos 1990 (3,63%), quase triplicando o número de pessoas nessa condição (18.328); Ribeirão Preto passou a ser, em 2000, o 119º município com menor número de indigentes. Um outro dado preocupante diz respeito ao percentual de crianças residindo em famílias com renda familiar per capita inferior a meio salário-mínimo, que aumentou de 9,1% para 15,2% no período sob análise. Todavia, a despeito disso, duas outras constatações – bastante positivas e de certa forma contraditórias com esse indicador – podem ser feitas. Trata-se do percentual de crianças de dez a quatorze anos de idade trabalhando, que diminuiu, entre 1991 e 2000, de 7,86% para 2,80% e da proporção de crianças de sete a quatorze anos fora da escola, que se reduziu de 8,39% para 2,97%<sup>46</sup>.

A profusão de favelas é outro indicador desse quadro. Dados da Prefeitura Municipal referentes aos anos finais da década de 1980 apontavam a existência de dezessete núcleos de favelas, com 1.332 barracos. Números bem mais elevados do que aqueles constatados no ano de 1968, quando, segundo estimativas da Secretaria do Bem-Estar Social, havia seis núcleos de favelas, congregando 741 barracos<sup>47</sup>. Já naquele momento, a condição de pólo de atração de migrantes – vindos a Ribeirão em busca de trabalho e melhores condições de vida –, associado ao custo da habitação, explica boa parte dessa situação, que tendeu apenas a se agravar nas décadas seguintes.

Em 2001, segundo o IBGE (Pesquisa de Informações Básicas Municipais – 2001), Ribeirão Preto contava com trinta e duas favelas cadastradas, totalizando 4.600 domicílios (3,17% do total). No que toca à situação habitacional, é digna de nota a existência de quinze loteamentos irregulares, assim como a existência de cortiços e loteamentos clandestinos,

---

44 . Equivalente a meio salário-mínimo em agosto de 2000.

45 . Equivalente a um quarto do salário-mínimo em agosto de 2000.

46 . Tal evolução favorável encontra-se relacionada, por certo, à implantação de programas sociais como o Renda Mínima e o Bolsa-Escola.

47 . Os seis núcleos de favelas eram: Santa Cruz, Mangueira, Monte Alegre, Alto Ipiranga, Tanquinho e Vila Recreio.

conquanto não avaliados numericamente. O cotejo desses dados com os números estimados pela CODERP em 1993 – 1.434 unidades de favela, agregando uma população de 7.170 pessoas – revela uma piora extremamente expressiva da situação de habitação nos anos 90.

Tal evoluir extremamente desfavorável encontra-se intimamente relacionado à redução do dinamismo econômico nessa década e ao aumento observado na concentração de renda. Ribeirão Preto, que em 1991 já tinha um índice de concentração de renda entre os 30% maiores do Estado (posição 427<sup>o</sup>), apresentou piora nesse indicador, alcançando a 501<sup>a</sup> posição relativa entre os 645 municípios do Estado de São Paulo.

Mesmo assim, quando se considera a evolução do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal na década de 1990, nota-se que, a despeito da perda de posição relativa no contexto estadual (de quarto para sexto lugar) e nacional (de sexto para décimo-nono), Ribeirão Preto apresentou um desempenho bastante satisfatório nesse indicador, mantendo sua posição de destaque face à média estadual e nacional. Essa posição relativa nos âmbitos estadual e nacional significa que Ribeirão Preto apresenta indicadores de qualidade de vida superiores a 99,2% dos municípios paulistas e 99,7% dos municípios do país.

No entanto, a redução operada na taxa de crescimento do IDH-M na década de 1990 constitui-se em fator a ser anotado, pois, mantendo-se a taxa de crescimento desse indicador, Ribeirão Preto demoraria 15,9 anos para igualar-se ao município com melhor desempenho nacional e estadual, São Caetano do Sul.

Portanto, finalizando, podemos dizer que a história de Ribeirão Preto nas últimas décadas revela um município com uma economia dinâmica e rica, com grande destaque nos contextos estadual e nacional. Tais resultados positivos no campo econômico foram possíveis em virtude da capacidade da cidade em se engajar dinamicamente no processo de desenvolvimento econômico que caracterizou as economias paulista e brasileira até os anos 70 e de revelar dinamismo mesmo no contexto mais geral de crise que caracterizou os anos 80.

Todavia, restam ainda muitas carências para parcela significativa da população, cuja solução só poderá vir com uma retomada consistente do desenvolvimento econômico acompanhada de melhorias na repartição dos frutos desse progresso para as camadas mais pobres.

## **BIBLIOGRAFIA**

BRASIL. FIBGE. **Anuário Estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE. Vários anos.

BRASIL. FIBGE. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE. Vários anos.

CANO, W. et alii. “O processo de urbanização paulista no período 1970-1989”. In: FUNDAÇÃO SEADE/SECRETÁRIA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO. **São Paulo no limiar do século XXI**. Vol. 5, p. 13-105.

CIONE, R.. **História de Ribeirão Preto**. 2<sup>a</sup>. ed. Ribeirão Preto: Imag, 1990. 3v.

CONTI, M. V. B. **Cem anos de Ribeirão Preto: publicação dedicada ao 1<sup>o</sup> centenário da cidade de Ribeirão Preto – Estado de São Paulo**. São Paulo: Conte, 1956.

FUNDAÇÃO SEADE. **Região de Ribeirão Preto: um novo pólo de atração migratória**. São Paulo: SEADE, 1982.

FUNDAÇÃO SEADE. **Perfil Municipal – 1980-91**. São Paulo: SEADE, 1993.

- NEGRI, B.. “A interiorização da indústria paulista (1920-1980)”. SEP/SEADE - FECAMP/UNICAMP. **A interiorização do desenvolvimento econômico no estado de São Paulo, 1920-1980**. São Paulo, SEADE, 1988. v. 1, n. 2, p. 55-144.
- OLIVETTI, M. P. de A.. **Agricultura e organização do espaço na região de Ribeirão Preto - São Paulo**. São Paulo: mimeo, 1996.
- PINHEIRO, M. (Coord.) **Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Mic Editorial, 1995.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. **Plano Diretor de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto, 1992.
- PUNTEL, L.. **Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Mic Editorial, 1995.
- SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO. COORDENADORIA DE AÇÃO REGIONAL. **Plano Regional de Ribeirão Preto**. São Paulo, 1978.
- SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO. **Anuário Estatístico do Estado de São Paulo**. São Paulo. Vários anos.
- SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO. COORDENADORIA DE AÇÃO REGIONAL. **Diagnóstico – 6ª. Região Administrativa**. São Paulo, 1972.
- SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO. **Indicadores do desempenho econômico das regiões de governo e dos municípios do estado de São Paulo**. SINERG, 1987.
- SEBRAE-SP. **Programa de Emprego e Renda (PRODER)** – Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2002.
- SEMEGHINI, U. C.. “A Região Administrativa de Ribeirão Preto”. In: FUNDAÇÃO SEADE/SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO. **São Paulo no limiar do século XXI**. Vol. 7, p. 157-198.
- TARTAGLIA, J. C. & OLIVEIRA, O. L. de. “Agricultura paulista e sua dinâmica regional (1920-1980)”. SEP/SEADE - FECAMP/UNICAMP. **A interiorização do desenvolvimento econômico no estado de São Paulo, 1920-1980**. São Paulo, SEADE, 1988. v. 1, n. 2, p. 1-53.